

### RESUMO

Este trabalho resulta do Projeto de Extensão Cultura, Educação do Olhar e Múltiplas Linguagens na Aprendizagem da Criança, abrigado no Programa de Extensão Integração de Linguagens e Tecnologias na Formação de Professores, vinculado a SESU/MEC e coordenado pelo CEFORT/UFAM - Centro de Formação, Desenvolvimento de Tecnologias e Prestação de Serviços para as Redes Públicas de Ensino. Os envolvidos são professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, graduandos dos cursos de Pedagogia e Artes Plásticas e professores das escolas municipais de Manaus. O projeto enfatiza a relação do trabalho pedagógico com a cultura e as mídias audiovisuais em face da percepção e construção do conhecimento pela criança. O projeto se desenvolveu em três etapas: 1ª) Seminário de fundamentação sobre os conceitos de cultura, indústria cultural, linguagem e aprendizagem da criança; 2ª) Oficinas pedagógicas de experiências com a educação do olhar e as múltiplas linguagens. Na oficina intitulada Percepção e Educação do Olhar foram desenvolvidas orientação e exercício metodológico acerca dos elementos básicos do registro fotográfico (foco, enquadramento e iluminação) concebendo-o como ferramenta de construção de conhecimento, articulando a imagem fotográfica com o discurso verbal, compondo novas narrativas. 3ª) Atividades nas Escolas. Após as oficinas de Percepção e Fotografia, os estudantes foram orientados para a observação e o registro fotográfico da cultura visual na escola, orientando o foco, o olhar e a atenção para duas categorias de tratamento da visualidade, a saber: a imagem como fator de organização da comunicação disposta em formatos diversos como anúncios, cartazes, murais, orientações gerais; e a imagem como fator das mediações didáticas que se expressam na organização da sala de aula. Ressaltam-se as diversas possibilidades abertas pelas experiências deste projeto de extensão, seja na indicação da imagem e da fotografia como ferramentas de construção do conhecimento, seja na imagem como objeto de pesquisa na iniciação científica, seja na inovação dos processos de formação de professores e crianças.

**Palavras-Chave:** Percepção, Educação do olhar, Imagem.

**Marcio Jesus Vieira Bernardo**  
*Universidade Federal do Amazonas*  
marciojvb@hotmail.com

**Maria Sonia Souza de Oliveira**  
*Universidade Federal do Amazonas*  
mss.oliveira@uol.com.br

**Valdejane Tavares Kawada**  
*Universidade Federal do Amazonas*  
valdejanekawada@hotmail.com

## PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO DO OLHAR

A contemporaneidade apresenta variedades de imagens e uma velocidade que torna estas imagens efêmeras e descartáveis. A possibilidade de contemplação e meditação sobre estes objetos ora incomoda, ora impede um olhar mais detalhista e sensível. Trata-se de uma época que apela para o sensorial, implicando na superficialidade do olhar.

Por conta do aparecer/desaparecer rápido da imagem, não conseguimos desenvolver capacidades para uma apropriação mais minuciosa. O olhar não se apodera da imagem, ele é tomado por apelos efêmeros de um produto publicitário, que desperta ou inventa um desejo. A imagem se reduz a um instrumento e o olhar a mero receptor.

A pressa e a velocidade retiram do indivíduo a capacidade de perceber. Não há tempo para reflexões ou discussões sobre o próprio perceber. Com isso, o sujeito - levado por este movimento - não consegue perceber-se e nem perceber o mundo. Não percebendo, compromete o seu entendimento, a sua compreensão de si e da realidade. A percepção é o ponto de referência que o sujeito tem para, a partir dela, construir conhecimento, tentar explicar um objeto, identificar-se, situar-se, elaborar novas ideias, interpretações.

Por meio de temas como cultura, imagem, percepção, olhar e linguagens procuramos conduzir atividades de extensão que promovessem reflexões e experiências em torno da abordagem da educação do olhar. No primeiro momento - Seminário de Fundamentação - discutiremos alguns conceitos que esclarecem a relevância desta temática. A percepção é apresentada como um elemento chave. Entendemos o perceber como “um estruturar que imediatamente se converte em estrutura. É um perene formar de formas significativas” (OSTROWER, 2009, p. 58).

A percepção é um tipo de apreender o mundo e a interioridade do sujeito. Entre este processo de apreensão ocorre a interpretação das sensações, dos dados oriundos da intuição. Segundo Ostrower (2009, p. 57)

[...] tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, interpreta-se, no que se aprende, compreende-se. Essa compreensão não precisa necessariamente ocorrer de modo intelectual, mas deixa um lastro dentro de nossa experiência.

Esse lastro, essas marcas da experiência constituem a nossa subjetividade. A consciência se constitui na medida em que entra em contato com o outro; estruturam-se novas condições de compreensão sobre este outro (mundo). Na medida em que conhecemos algo, se configuram novas estruturas para compreendermos melhor. Estes dados podem ser familiares ou novos, sem conexão, no entanto, por meio de nossa capacidade perceptiva associamos, relacionamos, formamos em conjunto. Somos capazes de ordenações de conteúdos e imagens por meio da percepção e do entendimento.

De acordo com Ostrower (2009, p. 57) as imagens são referenciais construídos ao longo de nossas experiências. As imagens são construídas de modo intuitivo. Estas estão no plano cultural e no plano subjetivo. Portanto, são referências para que o sujeito possa “ver”. Estes parâmetros carregam valores morais, estéticos e afetivos, que combinados configuram a compreensão de um indivíduo. Ora, se a imagem situar-se em um contexto mágico/mítico, será compreendida de maneira sagrada, mística; se nos situarmos na modernidade, verificaremos a predominância da racionalidade; se formos à contemporaneidade, percebemos a fluidez, a efemeridade dessas referências imagéticas. Assim, os valores culturais, enquanto ordenações internalizadas, tornam-se normativos e orientam o pensar e o imaginar.

Na dinâmica das percepções, o sujeito seleciona, visa, estranha-se diante do algo visado. O visar seria o imediato; o recorte do isto (da imagem) seria a seleção, a focalização de nossa percepção em um aspecto delimitado (cf. HEGEL, 2001, p. 74). A cultura ocidental supervaloriza a visão e a audição como intuições mais evoluídas. Portanto, o visar instaura-se como o momento elementar para o conhecimento. O visar é entendido como um processo seletivo do olhar, orientado por imagens internalizadas pelo sujeito.

Quando olho, me detenho e permaneço diante de um objeto, procuro os seus aspectos, faço associações, sínteses. O meu olhar tem uma intencionalidade, visa conhecer imediatamente algo. O ocidente afirma a primazia do ver, do olhar como constituinte da linguagem e do sentido da realidade. Segundo Chauí (1998, p.33) “a primazia do olhar molda a linguagem e nossa forma de pensar o mundo, nessa lógica, conhecer é clarear a vista”.

Se o conhecer está diretamente apoiado no visar, numa intencionalidade, então é necessário o entendimento deste olhar; é necessário compreendermos os limites e possibilidades desta percepção; é necessário o exercício deste olhar. Conforme Merleau-Ponty (1984, p.88) o corpo é “um entrelaçado de visão e de movimento”. A visão

conduz o corpo no espaço e no tempo. Quando o olhar seleciona um objeto, ele desloca o corpo no espaço, põe o corpo diante do objeto para que o sujeito se aproprie deste objeto. De acordo com Merleau-Ponty (1984, p.88-89):

Ver um objeto e/ou possuí-lo do campo visual e poder fixá-lo, ou então corresponder efetivamente a essa solicitação, fixando-o. Quando eu o fixo, anoro-me nele, mas esta “parada” do olhar é apenas uma modalidade de seu movimento: continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoava-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto [...] olhar o objeto é entranhar-se nele.

Esse entranhar-se no objeto, conduzido pelo olhar, não significa confundir-se, misturar-se, mas explorá-lo, penetrar no mundo. É o reconhecimento do outro (mundo) e de si. Na Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty utiliza os conceitos visível e vidente para explicar o corpo que vê o mundo (visível), e o corpo que olha para si (vidente). De acordo com Merleau-Ponty (1984, p.), o corpo conduzido pelo olhar não está ausente no mundo, está vivendo nele, sendo rodeado por ele:

Meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o “outro lado” do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa o que quer que seja assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciante no sentido – um si, portanto que é tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro.

O reconhecimento pode ser entendido como um processo de estruturação de formas significativas e que é percebido pelo sujeito por meio das imagens referenciais. Poderíamos afirmar que o aprender nem sempre se dá de forma intelectual (FAIGA, 2009). A aprendizagem se dá primordialmente no mundo e se caracteriza ou resulta na definição da subjetividade como lugar de composições. Estas composições conduzidas pelo olhar exigem parâmetros que se colocam como valores estéticos, morais e estruturais.

No caso deste trabalho, escolhemos conteúdos estéticos e culturais como parâmetros. Depois da reflexão em torno do conceito de percepção e educação do olhar, realizamos oficinas cujo objetivo seria o exercício do olhar. Tal atividade constitui-se no conhecimento básico da fotografia, do ato de fotografar. Considerando que o indivíduo contemporâneo é uma figura apressada e, às vezes, alheia ao mundo ou àquilo que é considerado banal, proposto o tempo da fotografia como um tempo que exige reflexão, criação, sensibilidade; o fotografar exige outra postura, um outro ver.

Ora, o homem comum vê linearmente, vê reto, vê absorto em suas preocupações; o fotógrafo busca outros ângulos, vê outras possibilidades, o seu visar estetiza o lugar-comum; o olhar fotográfico surpreende porque realça aspectos antes não men-

cionados, percebidos. O fotógrafo cria novas imagens e referenciais; lembra que o processo criativo é inerente à existência humana.

Diante disso, propomos aos acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Amazonas o exercício do olhar, do conduzir o corpo diante de objetos “banais” do campus universitários a fim de vivenciar uma prática nova de seus sentidos. Num primeiro momento, a oficina consistiu no entendimento básico da fotografia (foco, luz, enquadramento). Em seguida, cada estudante fotografou um objeto que considerasse visualmente interessante. Foram analisados os detalhes destas fotografias como um processo de revisão dos elementos fotográficos acima mencionados. Novamente o grupo saiu da sala para fotografar o campus, só que desta vez teriam que criar narrativas com as fotografias.

Este exercício do ver apresenta o fazer fotográfico como um discurso visual produzido por subjetividades e, portanto, com tempos e espaços distintos. A fotografia dos estudantes se traduziu em um olhar que se lança, que se expõe, e não somente como um processo de captação de imagens, mas de construção destas. Procuramos nos afastar da ideia de que o ver se reduz a um apanhado de dados, informações sobre o mundo e nos aproximar de um real imaginado, um entrelaçamento com os objetos, em movimento, conduzido pelo olhar. A fotografia/narrativa se traduziu como expressão de sujeitos criativos; criatividade esta baseada sempre em outras imagens referenciais, em cujo resultado final tais imagens foram imaginadas e re-significadas.

Neste exercício, o importante não foi a utilização de equipamentos de última geração, mas a habilidade, a sensibilidade, o olhar dos estudantes. A mediação dos sujeitos configurando novos ângulos, focos, escolha das cenas, das paisagens, na seleção das imagens, determinou a composição deste trabalho.

Voltemos à noção de visar. Os estudantes perceberam que para compor imagens seria necessário um tempo diferente da temporalidade cotidiana. Perceberam a necessidade de formular uma intencionalidade, ou seja, criar um sentido para aquela narrativa visual. Perceberam a necessidade de contemplação do ambiente, de seleção criativa a partir dos objetos considerados banais no dia a dia.

Neste processo, a máquina fotográfica pode, ou não, ser utilizada, porque a foto está encaminhada na imaginação do sujeito. A imagem é feita, é construída, a escrita da luz é composta por alguns momentos da percepção. O ver não se reduz a uma condição orgânica, pois a ultrapassa e torna-se um ver introspecto, subjetivo. Ocorre uma

mistura do espaço objetivo com o espaço-tempo subjetivo. O resultado desta dialética é a imagem criada por estes sujeitos fotógrafos.

Além destas imagens criadas, outra linguagem foi utilizada: a oralidade. Como já foi mencionado, o resultado desta oficina foi uma articulação da fala com a foto para composição de novas narrativas. Os estudantes, conforme apresentavam a sequência de fotos, intercalavam a esta suas falas, que tornou-se outro meio de percepção, de comunicação de imagens. Tornou-se expressão de sentido, de significados que complementam as fotografias. A oralidade não se traduz como mera descrição, mas como movimento criativo conectado às imagens. Segundo Merleau-Ponty (1984, p.247):

Em primeiro lugar, a fala não é o “signo” do pensamento, se entendemos por isso um fenômeno que anuncia outro, como a fumaça que anuncia o fogo. A fala e o pensamento só admitiriam essa relação exterior se um e outro fossem tematicamente dados; na realidade, eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido [...] As palavras só podem ser as “fortalezas do pensamento” e o pensamento só pode procurar a expressão se as falas são por si mesmas um texto compreensível e se a fala possui uma potência de significação que lhe seja própria. É preciso que, de uma maneira ou de outra, a palavra e a fala deixem de ser uma maneira de designar o objeto ou o pensamento para se tornarem a presença desse pensamento no mundo sensível e, não sua vestimenta, mas seu emblema ou seu corpo.

As duas linguagens estimulam “o olhar circular, não causal e alegórico (*allos*=outro; *agorien*=falar) e parece nos convidar à experiência da evasão, da novidade e da imaginação, que produz um outro dizer, um outro saber, em que as metáforas precedem as explicações conceituações” (WUNDER, 2010, p.8). Assim, o processo criativo e a experiência estética parecem serem anteriores à racionalidade. A fotografia pode ser utilizada apenas como registro aparente do real, sem nenhuma contribuição subjetiva. Mas também pode ser fruto da criatividade, da interferência do sujeito, da habitação do corpo no mundo mediado pelo olhar.

Após a oficina, orientamos os acadêmicos a visitarem escolas municipais de Manaus para fotografar as imagens no interior destas instituições. Os acadêmicos foram orientados para a observação e o registro fotográfico da cultura visual na escola, orientando o foco, o olhar e a atenção para duas categorias de tratamento da visualidade, a saber: a imagem como fator de organização da comunicação disposta em formatos diversos como anúncios, cartazes, murais, orientações gerais, e a imagem como fator das mediações didáticas que se expressam na organização da sala de aula.

Foram visitadas três escolas municipais. Cada escola com um grupo diferente de acadêmicos que ao fotografaram; as imagens registraram por escrito suas impressões. Podemos verificar os resultados deste trabalho a partir dos registros dos acadêmicos:

O visual da escola chama nossa atenção. São vários desenhos e cartazes que falam sobre moral, ética e saúde. Vale ressaltar que existe uma preocupação com o visual, pois se sabe que a criança se interessa por coisas que sejam coloridas, com imagens ou figuras infantis, ou seja, ao passar assuntos para a criança temos que usar do apelo visual para chamar a atenção da mesma para aquilo que queremos ensinar. E em vários pontos estratégicos vemos o alfabeto de formas variadas para a percepção e ensino da criança.

As imagens no interior escolar têm as mais variadas finalidades, tais como aquelas voltadas para a informação das atividades, para a cidadania, para a aprendizagem, para a saúde e o meio ambiente. Todas estas imagens representam modos de percepção das referências que dão sentido ao papel da escola. Estas imagens referenciais podem ser identificadas com as normas, com os conteúdos, com os processos de aprendizagem.

Assim, ressaltam-se as diversas possibilidades abertas pelas experiências deste projeto de extensão, seja na indicação da imagem e da fotografia como ferramentas de construção do conhecimento, seja na imagem como objeto de pesquisa na iniciação científica e na inovação dos processos de formação de professores e crianças.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Anna Rita Ferreira de. **Encruzilhadas do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2007, 112p.
- CHAUI, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto (et al.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.31-63.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 6. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2001, 271p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados**. Tradução: M. de S. Chauí, N. A. Aguiar, P. de S. Moraes. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- \_\_\_\_\_, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: C.A.R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 24. ed. Petropolis: Vozes, 2009, 186p.
- WUNDER, A. **Fotografias como exercícios de olhar**. In: *Educação e Comunicação* / n.16. Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2359--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2359--Int.pdf) Acesso em 20/5/2010.

SOBRENOME, Inicial. Título do artigo consultado, sem negrito. In: SOBRENOME, Inicial. **Título em negrito até os dois pontos:** sem negrito para subtítulo. 2. ed. Cidade da publicação: Editora, ano, intervalo de páginas do artigo.